

# Os enquadramentos de uma cobertura: Tragédia de Mariana

Sara Alves Feitosa<sup>1</sup>

Giseli Pereira Alves Pereira Alves<sup>2</sup>

## Resumo:

Este artigo propõe uma análise de dois momentos da cobertura produzida pelo Jornal Nacional sobre o desastre ecológico e social ocorrido na cidade de Mariana, Minas Gerais. Os tópicos de análises utilizados foram a escolha dos enquadramentos nas reportagens e como foram estruturadas as escolhas das fontes, o conteúdo do texto verbal, a estética utilizada incluindo a angulação de imagens. A partir das análises pode-se indicar que o uso da emoção aparece como estratégia de produção das narrativas.

**Palavras-chave:** telejornalismo; Mariana; enquadramento; drama; ética.

## Abstract:

This paper proposes an analysis of two moments in the coverage about the social and ecological disaster occurred in Mariana, Minas Gerais, Brazil, produced by the TV newscast *Jornal Nacional*, from *TV Globo*. The topics analysis used were the framings choices in the reports and the structure of the source choices, the verbal text content and the aesthetics employed, including image angles. From such analysis, it was possible to indicate that the use of emotion emerges as a strategy in production the narratives.

**Keywords:** telejournalism; Mariana; framing; drama; ethics.

Artigo recebido em: 01/10/2016.

Aceito em: 09/12/2016.

---

1 Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), docente no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Mestre em Educação (PPGEDU/UFRGS), jornalista (UNISINOS). E-mail: sarafeitos99@hotmail.com.  
2 Graduada em jornalismo. Bolsista PDA (programa de desenvolvimento acadêmico) UNIPAMPA. E-mail: giselialves01@gmail.com.

## Introdução

No dia cinco de novembro de 2015 todos os meios de comunicação tiveram sua programação agendada pelo desastre ambiental que ocorreu na cidade de Mariana, no estado de Minas Gerais. Os estragos deixados pela avalanche de 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração da empresa Samarco incluem 19 mortes, 207 de 251 imóveis da localidade de Bento Rodrigues em Mariana, a morte de várias espécies da fauna e flora aquática no Rio Doce, além de afetar mais de 35 cidades mineiras e do estado do Espírito Santo.

Partindo do pressuposto que a cobertura privilegia o enquadramento de tragédia, o artigo é estruturado a partir do conceito de enquadramento (PORTO, 2004). Interessa observar a incidência de reportagens ou enquadramentos que privilegiem a busca por esclarecimento sobre as causas do rompimento da barragem e quais os desdobramentos da pauta ao longo do tempo. Além de relacionar o fator estético da narrativa (COSTA, 2002) utilizado para refutar o dito e o “não-dito”.

A finalidade do artigo é analisar reportagens e seus enquadramentos apresentados nas edições de um dia depois do rompimento da barragem (06-11-15), e um mês depois (05-12-12), exibidas pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Além de analisar a forma em que o telejornalístico produziu a cobertura em ambas as edições, partindo do pressuposto que a cobertura sobre este acontecimento teve como enquadramento privilegiado a valorização da morte, do caos e do sofrimento.

## Enquadramento como construção da Realidade

Nos pactos do Jornalismo são incluídos fatores que orientam as técnicas e condutas dos profissionais da área em seu “bem fazer jornalístico”. Chaparro (2007), em seu livro Pragmatismo do Jornalismo, aborda como a intenção que se refere a um elemento somatório no equilíbrio e unidade do discurso. Do mesmo modo, segundo o autor, o fazer jornalístico implica o trabalho de unir Ética, Técnica e Estética, sendo estes uma tríplice colaborativa durante as produções. Ou seja, estes jogos de intenções que envolvem princípios éticos e não éticos que permeiam os mais diversos momentos do processo de produção, por conseguinte intervêm no modo final em que esse material e seu conteúdo será apresentado.

Elementos esses que ao serem analisados geram questionamentos sobre as escolhas das informações selecionadas, os tipos de fontes entrevistadas, ângulos de imagens e até mesmo palavras que venham a ditar o enquadramento discursivo dos materiais aqui em discussão.

O conceito de enquadramento (*frame ou framing*) na área da comunicação tem como obra inicial e mais relevante o livro *Making News* de Gay Tuchman (1978) no

qual a autora afirma que as notícias estabelecem um enquadramento que define e constrói a realidade. Em âmbito brasileiro os estudos começaram no início dos anos 1990 e 2000 com autores como Clóvis Barros Filho (1995), Leandro Colling (2001) e Mauro Pereira Porto (2004).

De acordo com Cunha (2004), os *frames* utilizados pela programação da televisão “comprometem a democracia brasileira” uma vez que por eles são reproduzidos as vozes das áreas políticas e econômicas de grandes monopólios de anunciantes:

A essência do enquadramento de uma notícia é o dimensionamento – seja pela ampliação ou pela redução - da importância do fato retratado. Uma analogia simples que facilita o entendimento do conceito é compará-lo a uma janela: os artifícios da escolha de imagens, palavras-chaves, metáforas etc, formam essa janela pela qual a audiência toma contato com o fato jornalístico e nota apenas os aspectos mais dominantes, priorizados pela representação mediática (CUNHA, 2004, p. 6).

O que nos leva também discutir como é materializada a escolha de um enquadramento que envolve diversos fatos da mesma situação caótica como a de Mariana (MG). Desta forma podemos associar a teoria de *Agenda Setting*, que trata do agendamento de temáticas postos pela mídia e que passam a compor o repertório e preocupações do público:

As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas” (MCCOMBS-SHAW, 1979, p. 178).

Assim, a cada agendamento sugerido pelas produções midiáticas pode-se dizer que influencia diretamente no *framing* das informações sobre o fato, ou seja, o material final seria apenas uma visão do acontecimento feita pelos mediadores (repórter, produtor, câmera, diretores) e da própria audiência.

O enquadramento no telejornalismo inclui o uso de imagens, cores, trilhas, textos verbais e performance dos mediadores apresentador/repórter para que a informação chegue à sua audiência, mas também permita que a intencionalidade de certos interesses ditem a forma de apresentação das informações dos fatos. Os recursos técnicos jornalísticos e de linguagem televisiva servem para perceber como eles são configurados a partir do pacto sobre o papel do jornalismo, caracterização do mediador e texto verbal (GOMES, 2011).

## Enquadramento através da performance

O estudo sobre a postura dos sujeitos mediadores repórter/apresentador dos fatos jornalísticos surgiu na década de 1970 com Richard Schechner. Segundo o au-

tor, performances seriam comportamentos em espaços artísticos, profissionais ou de vida diária, indo do comportamento estilizado, ou seja, específico de alguma área de atuação ou dependendo da situação, além de serem condutas condicionadas a um tipo de jogo (normativas religiosas, culturais, geográficas, financeiras e pessoais) (SCHECHNER, 2006).

A propósito, os sujeitos entendidos como um dos maiores fatores de credibilidade de um telejornal são os seus apresentadores e/ou repórteres que recebem “títulos” de confiança quando personificam em suas atuações a imagem da objetividade e imparcialidade exigidas de um jornalista, além de uma sutil autopromoção e glamorização próprias do meio, como define Fechine (2008). A autora sinaliza uma recorrente transformação tanto nos papéis como na postura e no perfil dos atuais profissionais. Consequentemente, a audiência recebe essa atitude considerando o sujeito performático como alguém mais próximo de seu dia-dia, uma vez que os mesmos assumiram vozes ideológicas, políticas e opinativas em suas falas e gestual, por outro lado personificam atitudes mais humanizadas do cotidiano (FECHINE, 2008).

Itania Gomes (2011) ao definir seus operadores de análise de endereçamento se refere a performance como um objeto importante dentro do operador mediador, uma vez que ele corresponde teoricamente aos mediadores do telejornal (apresentador, repórter, correspondente e comentaristas) sendo eles figuras “principais” de enquadramento, já que interpretam a voz do programa e as estruturas das suas notícias, além de estarem presentes na interação do telejornal com sua audiência.

Foi direcionando para o contexto do *éthos* jornalístico que Fechine (2008) apodera-se do pressuposto aristotélico de que a verdade não é construída no objeto mas a partir do discurso. A autora toma de Aristóteles a ideia central do poder de persuasão presente no discurso com a intencionalidade de se “fazer crer” do orador.

Há, em razão disso, uma grande preocupação na retórica com o *éthos* do orador, o modo como este aparece ao público. O conceito remete, em outras palavras, à configuração de caráter por meio do qual o orador conquista a confiança da plateia como vistas à persuasão. (FECHINE, 2008, p.72)

Para Gomes (2011) o contexto de televisão tem características flexíveis e polisêmicas principalmente na questão da postura cênica dos mediadores, uma vez que usam das técnicas do texto verbal, da gestualidade e da estética que envolve a cinematografia, cenário, sonoplastia e na utilização de fontes.

## A Estética no telejornalismo

A redação é um elemento que acrescenta veracidade na narrativa, entretanto também podem produzir sentidos outros já que o texto e sua interpretação são polis-

sêmicas, como observa Kosovski (1995, p. 28) “a ideia não existe sem a palavra que a exprime, sem o texto que a transmite”.

Do mesmo modo que não podemos desassociar a companhia do texto escrito com as fotografias no jornalismo impresso, assim acontece com o texto verbal em conjunto com as imagens no jornalismo audiovisual. Elas, as imagens, são filtradas através do olhar do cinegrafista, repórter, editor de imagens em acordo com o editor de texto, tendo assim, a compreensão de sentidos utilizando do tratamento das imagens como ou a partir de discursos que elas permitem-se dar. Mas como todo material deve ser pensado como recortes ou uma porção de realidade, e não como uma afirmadora da verdade, e, sim um enquadramento da mesma (BECKER, 2006).

O jornalismo e seus discursos são produtos de consumo da sociedade moderna. Neste contexto mercadológico do jornalismo que busca motivações para que seus “produtos” sejam consumidos, o processo de produção passa a ser pensado em frames, estética e posicionamentos direcionados muitas vezes à dramaticidade, considerada uma forma de capturar audiência. Para Coutinho (2013), o drama cotidiano em paralelo com as notícias geram por vezes atritos com as definições para materiais jornalísticos, conseqüentemente gerando questionamentos relacionados entre os pactos clássicos do jornalismo e o que é entretenimento ou jornalismo, representação da realidade ou encenação da própria.

É nesse cenário de produção jornalística através da emoções que Débora Gadret (2015) recorre aos estudos de Wahl-Jorgensen (2013) para afirmar que do mesmo modo que existem rituais estratégicos de objetividade na produção noticiosa (TUCHMAN, 1972), há por sua vez “rituais estratégicos de emocionalidade que permeiam notícias e reportagens” (GADRET, 2015, p. 3). Segundo Wahl-Jorgense (2013) em um estudo que analisou os vencedores do Prêmio Pulitzer foram identificadas oito rituais estratégicos de emocionalidade, são eles:

- 1) Jornalistas terceirizam a emoção e não discutem suas próprias;
- 2) Jornalistas descrevem as emoções de indivíduos e grupos;
- 3) A descrição dessas emoções é raramente baseada em evidência, como citação direta ou indireta;
- 4) As fontes discutem suas emoções com frequência;
- 5) A emoção é geralmente negativa;
- 6) A narrativa traz leads não-factuais e é personalizada;
- 7) Jornalistas usam a narrativa para exibir emoção;
- 8) Inteligência emocional é valorizada e celebrada no jornalismo. (WAHL-JORGENSEN, 2013, p. 89)

Em contrapartida, Gadret (2015) chama a atenção para especificidades do jornalismo produzido para TV, “visto que é uma intersecção entre o jornalismo e seus pressupostos e a televisão como dispositivo” (GADRET, 2015, p. 3) e por ser um meio visual “a televisão notabiliza-se por construir sentidos poderosos, por criar impressões e associações vívidas, e por eliciar envolvimento emocional” (EKSTRÖM apud GADRET, 2015, p. 3). Assim, na nossa análise consideramos essa característica técnica e estética de potencializar a emoção nos relatos jornalísticos para TV e como esta



vai compor majoritariamente o enquadramento na cobertura sobre o rompimento da barragem da Samarco em Mariana.

## Dos materiais em análise

O primeiro material a ser tratado aqui é a reportagem de Ismar Madeira, exibida em 06 de Novembro de 2015, um dia após o rompimento da barragem de Fundão. Em primeiro plano apresenta as vozes da Samarco através das falas de Ricardo Vescovi, presidente e Germano Lopes, responsável de investigação técnica da mineradora. Ambos explicam que possíveis abalos sísmicos na hora do rompimento teriam comprometido as estruturas das barragens de Fundão e Santarém, além de afirmarem brevemente que os rejeitos não seriam tóxicos. Na metade da reportagem surge o uso da técnica de *suíte*, método utilizado para apresentar ao telespectador um resgate de fatos que já foram discutidos na mídia e que voltam a atualidade fazendo referência com um fato do presente (MELO, 2003). Neste caso o material resgatado serviu para relembrar acontecimentos que envolveram outras mineradoras espalhadas pelo estado de Minas Gerais, fatos estes tratados no videotape com o enquadramento de “acidentes”.

**Figura 1: Suíte de ocorrências passadas exibidas com o enquadramento de “acidente”**



*[ISMAR MADEIRA] Os acidentes com barragens de mineradoras se repetem há anos em Minas. Em 1986...*



*[ISMAR MADEIRA] Cinco anos depois, outro acidente inundou duas cidades da zona da mata mineira: Mirai e Muriaé.*



*[ISMAR MADEIRA] E em setembro de 2014, de novo em Itabirito, outro acidente. Dessa vez...*

**Fonte: elaborado pelas autoras a partir da reportagem de Ismar Madeira.**

Pode ser levantada a hipótese que tratar um fato como acidente repercutiria mais atraente do que noticiar o fato através do fator de negligência por parte dos envolvidos. O campo mercadológico da produção das notícias pode ser sentido no uso de um certo “mostrar o que a audiência vai se interessar” e não mostrar o que o público precisa saber. Desse modo, Vizeu (2002) afirma que a produção jornalística tende a trabalhar entre uma mistura de ética jornalística com o interesse do público.

No noticiário televisivo são potencializados, preferencialmente, os valores emotivos, espetaculares, com a intenção de aumentar indiscriminadamente a audiência, com base na convicção de que as emoções fáceis, elementares, exercem uma poderosa atração sobre as más. (VIZEU, 2008, p.9)

Sobre a sufocação que a atividade jornalística enfrenta, Bourdieu (1997) disserta em “Sobre A Televisão”, que a prática vem sendo colocada à prova diretamente pelo mercado, através da sanção, direta, da clientela ou de forma indireta pela audiência. “E os jornalistas são mais propensos a adotar o ‘critério do índice de audiência’ na produção: ‘fazer simples’, ‘fazer curto’ etc. ou dos produtos e mesmo dos produtores (passa bem na televisão, vende bem, etc.)” (BOURDIEU, 1997.p.106).

Em outro momento da reportagem é inserida a sonora de Georgi Sandi França, professor do Observatório Sismológico da Universidade de Brasília, com a tentativa de buscar uma fala do especialista sobre as possíveis causas do rompimento. Porém a fala apresenta que houve sim tremores muito perto dos locais das barragens, entretanto há um corte na sonora passando para o momento em que o entrevistado mostra que estruturas como aquelas tendem a atender e estarem preparadas para esses tipos de eventos de magnitudes até maiores do que ocorreu naquele dia do rompimento,

[**Sonora :Georgi Sandi França**]Eventos de magnitude que variaram de 1,7 a 2,7. Dentre desses eventos, três foram muito próximos da barragem que se rompeu.

Neste momento apresentado acima o especialista confirma que houve tremores em torno das barragens, porém reitera que construções como estas são estruturadas para suportar até eventos maiores:

[**Sonora: Georgi Sandi França**] Normalmente as barragens por mais que sejam de rejeito, são construídas para suportar magnitudes maiores para não sofrer efeitos geológicos que possam afetar essa barragem. É muito prematuro afirmar que essa ação dessa atividade pequena possa ter gerado o rompimento.

Porém o último trecho da sonora de Georgi Sandi, Professor da UNB, selecionado para a reportagem apresenta afirmações incertas sobre a relação dos tremores com os rompimentos:

[**Sonora: Georgi Sandi França**] Mas existe a relação que depois do tremor, a barragem se rompeu.

Casos como este em que a edição da fala da fonte acrescenta informações relevantes mas confusas ou pouco precisas, fazem com que o tempo de sua sonora seja desperdiçado dentro da reportagem. Para Schmitz (2011) deve-se dar prioridade a

fontes que há contato regular, que facilitem o acesso à informação e na hora da declaração transmitam credibilidade, confiança e garantia no que afirmam.

Outro material exibido na mesma edição do JN é a reportagem de Ricardo Soares, com o viés de certa forma contrário ao da primeira. Uma vez que a reportagem de Madeira se preocupou com o enquadramento das possíveis causas e de histórico do assunto, Soares agora enquadra os fatos direcionado pelo olhar das vítimas, trazendo mais dramaticidade à narrativa.

A reportagem é introduzida por uma cabeça de abertura feita pela apresentadora Renata Vasconcellos tendo a missão de apenas reportar o que estava ocorrendo no momento, tomando para si uma postura de sujeito ventríloquo ou como explica Juliana Gutmann o ventríloquo “mantém postura distanciada em relação ao fato e ao seu interlocutor. Representação da figura neutra. Ênfase na demonstração daquilo que é noticiado” (GUTMANN, 2014, p.117).

Em sequência há um *off* acompanhado de uma breve imagem do cenário de destruição, logo após é apresentada a sonora de uma das moradoras dos locais afetados:

**Figura 2: Sonora dramatiza o depoimento de moradora**



De acordo com a classificação dos tipo de fontes (SCHMITZ, 2011), a primeira fonte apresentada na reportagem (Figura 2) se classificaria como testemunhal, aquela que viveu e viu. São as mais recorridas para dar um testemunho preciso, além de serem independentes, ou seja, não representam nenhuma instituição ou empresas. Porém deve ser analisado e colocado em jogo pelo jornalista a situação em que esse sujeito presenciou, de acordo com Lage (2001) o depoimento deste tipo vem com nuances de emoção e perspectiva vivida.



Figura 3- Texto e imagem do off são carregados de elementos emocionais



No *off* presente ao fim da reportagem o jornalista opta por narrar o reencontro de uma mãe e sua filha, para isso o repórter estrutura seu texto com ditos e não ditos que expressam os sentimentos dos personagens, além de supervalorizar a cena presenciada quando diz:

[Off repórter: Ricardo Soares] Uma das cenas mais comoventes...foi o abraço mais apertado e esperado que alguém podia provar.

O que nos faz retornar a Gadret (2015) quando utiliza os rituais de emocionalidade de Karin Wahl-Jorgensen. O primeiro ritual indica que “jornalistas terceirizam a emoção e não discutem suas próprias” (WAHL-JORGENSEN apud GADRET, 2015, p. 3). Já os rituais estratégicos de emocionalidade (7 e 8) enfatizam que o jornalismo utiliza a narrativa para exibir a emoção e que “inteligência emocional é valorizada e celebrada no jornalismo”, no caso da reportagem produzida por Ricardo Soares a emoção está nos personagens, nas vozes, mas não no repórter.

Se percebe ao longo da reportagem que Ricardo Soares, em conjunto com a produção, monta uma narrativa que supervaloriza o ângulo emocional da tragédia, trazendo imagens que reportam a destruição dos locais atingidos, mas principalmente os sentimentos de quem presenciou e viveu o rompimento da barragem. O que para Gadret (2015) tem como função de convidar o telespectador à se aproximar do conteúdo que está na tela, quando acionadas as emoções agem como se estivessem atraindo a sua audiência à experimentar os sentimentos presentes no texto ou imagens, porém acrescenta que o programa mesmo tomando essa narrativa de dramatização não deve ter rótulos de fácil ou manipulador.

Mesmo após um mês do rompimento da barragem em Mariana, as reportagens de Phelipe Siani e de Fernando Moreira exibidas no Jornal Nacional da edição do dia 05-11-15 o enquadramento preferencial do dramático, do sofrimento, da morte e de solação das vítimas continuou a ser adotado.

A produção de Fernando Moreira traz em si uma carga de discurso que idea-

liza a localidade Bento Rodrigues, a localidade mais atingida, a ideia se arquitetou através do texto do repórter e das sonoras obtidas com a saudade como principal argumento de ambas.

**Figura 4- Dois momentos em que o bairro Bento Rodrigues é idealizado**



A localidade de Bento Rodrigues é representada pelos *offs* e sonoras (Figura 4) como um local pacato e lindo como era visto pela moradora, “vendendo” a ideia de um vilarejo pacato e seguro. Observamos que a narrativa apresenta atributos sobre a localidade de que a audiência possa construir na imaginação uma Bento Rodrigues que não mais existe. Para isso, opera com elementos narrativos do gênero entretenimento, recaindo, geralmente, na reiteração do *status quo*<sup>3</sup>, o que envolve a idealização de famílias felizes, beleza e juventude perpétuas (CUNHA, 2009). Além das representações feitas dos locais, das vítimas e do acontecimento, podemos analisar as posturas referentes ao momento das notas pé<sup>4</sup> dos apresentadores William Waack e Carla Vilhena. A nota pé é um espaço “especial, específico e complementar” em que as informações são ditas pelos sujeitos de destaque do telejornal (os apresentadores). Neste caso específico da cobertura o conteúdo das notas são para expor as falas das empresas envolvidas no caso: Samarco Mineradora e suas proprietárias, a australiana BHP Billinton e a Vale do Rio Doce (uma das maiores anunciantes do grupo Globo), e as ações do Ministério Público, como podemos ver nos textos das notas pé abaixo:

[Nota-pé: Carla Vilhena] O Ministério Público declarou que a Justiça vai multar a Samarco em R\$ 1 milhão por dia por não entregar o plano de emergência para o caso de as barragens de Germano e de Santarém se romperem.

[Nota-pé: William Waack] A empresa entrou com pedido para prorrogar o prazo por mais seis semanas. A mineradora afirmou que contratou uma empresa especializada para elaboração do plano que deve ser entregue o mais rápido possível.

Para Fechini (2008) as emissoras de TV e os discursos ganham certa credibilidade que é alcançada através da glamorização e estrelado do orador/apresentador.

3 Pode ser considerado coisa, situação ou fatos, essa expressão geralmente acompanha outra palavra como considerar, manter, apagar, fortalecer. Assim: “Devemos apagar o status quo da política”.

4 Fala que sucede a reportagem, especificamente feita pelos apresentadores.

Segundo a autora essa peculiaridade do enunciante é construída pela sua inteiração com o público, com outras mídias e até participações em outros programas, assim, criando uma confiabilidade no que está sendo dito. No caso de Waack e Vilhena, a credibilidade é passada por estarem ocupando a bancada do telejornal mais visto do Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística, IBOPE, seria um certo “mérito” que causa confiança no que dizem por estarem ali. Assim, nas notas pé em que estão na posição do “não eu” e passando a reportar a voz do capital e do judiciário envolvidos, momento que pode ser visto como apenas uma estratégia de abrir espaço para o outro lado não apresentado ou abordado pela reportagem, mas que também pode ser encarado como um discurso de empresas que ganham supervaloração através de seus anunciadores estrelas, mesmo que eles de forma dúbia não estejam discursando no “eu” ou na “empresa que represento”.

A última produção aqui analisada é a reportagem de Phelipe Siani, também exibida, no JN, um mês após o acontecimento. O enquadramento da reportagem é de levar ao público as histórias de vida dos óbitos da tragédia, para isso a produção investe em elementos estéticos que potencializam a comoção da audiência, valendo-se de mudanças de cores, vazios de personagens e silêncios. A primeira característica da reportagem é a exploração da morte, eixo da pauta. Utilizou-se de gráfico com as fotos das 19 vítimas fatais, enquanto Siani conta a principal característica da vida de cada um:

Figura 5- Quadro gráfico para reconhecimento de cada óbito



As mortes foram enquadradas nos ângulos do inesperado e da saudade, enquadramento frequente nas reportagens com pautas sobre óbitos. Cruz (2008) explica que se a morte for encarada como algo incomum mais próxima ela estará perto de ser um fato jornalístico:

O discurso jornalístico sobre a morte se apropria de representações que vão classificá-la num parâmetro de normalidade e expectativa, em que, quanto mais insólita ou inesperada, a morte estará mais próxima da classificação como acontecimento jornalístico (CRUZ, 2008, p.156).

A questão especificamente no caso de Mariana (MG) é que esse tipo de acontecimento e mortes por rompimento de barragens já ocorreram por diversas vezes no estado e Minas Gerais e em todo Brasil o que já quebraria a questão do incomum que foi dado na matéria. Além do histórico, resgatado na reportagem de Ismar Madeira exibida em 06 de novembro de 2015, havia laudos do Ministério Público demonstrando que as estruturas das Barragens de Fundão já estariam com defeitos e trincas, sendo que essa informação mudaria o enquadramento e a tragédia seria algo previsível, esperado caso nada fosse feito. Assim, uma alternativa de enquadramento seria problematizar as responsabilidades das instituições públicas (órgãos ambientais, MP) e privadas (Vale do Rio do Doce, Samarco e BHP Billinton) ao invés de insistir no enquadramento da emocionalidade.

## Considerações finais

Nas reportagens analisadas, foi possível perceber a superavaliação do enquadramento que contém basicamente destruição, sofrimento e perdas vividas pelos moradores da cidade de Mariana. Ao longo da observação foi possível ver a presença da intencionalidade subjetiva durante a escolha de que imagens excluir e quais selecionar, de que forma o texto deve ser falado e como o enunciador influencia na carga de veracidade que sua audiência deposita em seu discurso.

Em relação às reportagens apresentadas um dia após o rompimento da barragem de Fundão, observamos que há abordagens distintas. As duas reportagens contemplam a diversificação de enquadramentos tanto esteticamente como tecnicamente, porém com um alto uso de informações desconstruídas e sem problematizações sobre as responsabilidades no rompimento

A edição que marcava um mês do rompimento da barragem, a produção de Fernando Moreira teve a intenção de expor as mesmas informações com os mesmos tipos de enquadramento de reportagens exibidas no mesmo dia do fato, além de ser articulada de forma que Bento Rodrigues fosse retratado de forma idealista.

A segunda produção do mesmo dia explorou a morte como fato jornalístico mesmo tendo já se passado um mês, e essas vítimas são lembradas durante a reportagem de forma pessoal, atitude característica do trabalho de Siani. Há uma preocupação estética para demonstrar sentimentos de formas subjetivas sem que o repórter tivesse que falar “cena triste”, “cena comovente”, além de uma exploração das emoções alheias.

Atualmente percebe-se que a cobertura sobre o rompimento da barragem de Fundão tem com enquadramento prioritário o relato dos trabalhos de investigação do Ministério Público, constituindo-se em um jornalismo de investigação e não investigativo.



O que chamamos aqui de jornalismo de investigação é aquele pautado pelo trabalho de instituições da estrutura jurídico-policia: Polícia Federal, Ministério Público e órgãos fiscalizadores do meio-ambiente.

## Referências

BECKER, Beatriz. A linguagem do Telejornal- A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-papers Serviços editoriais Ltda., 2005.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Seguido de: A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1997.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 2007.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães. Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos. Campinas. UNIMEP, 2002

COUTINHO, Iluska. Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro, MAUAD, 2012.

CRUZ, Milena Carvalho. Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 149-159, jun. 2009.

CUNHA, K. M. R. da. Televisão e Política no Brasil. In: 2º Congresso Online del Observatorio para la Cibersociedad. Tecnología e sociedad: a internet como utopia, 2004, Barcelona.

FICHINE, Y. Performance dos apresentadores do telejornal: a construção do ethos. Famecos. Porto Alegre, n.36, 2008.

GADRET, D. As Qualidades Estéticas do Telejornalismo e a Construção da Emoção na Reportagem. In: XXXVIII Intercom, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

GOMES, Itania Maria Mota (Org.). Gêneros Televisivos e Modos de Endereçamento no Telejornalismo, Salvador: EDUFBA, 2011

GUIRADO, Maria.C. Reportagem: a arte da investigação. São Paulo, AC-Arte & Ciência Editora, 2004.

KOSOVCKI, Ester. Ética na comunicação. Rio de Janeiro, MAUAD, 1995.

LAGE, Nilson. A reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística. S.l. Record, 2001.

MARSHALL, Leandro. O jornalismo na era da publicidade. São Paulo: Summus, 2003.



MELO, M. José. *Opinativo: gênero opinativos no jornalismo brasileiro*. Mantiqueira. S.ed, 2003.

PORTO, Mauro. *Enquadramentos da mídia e política*. In: *Comunicação e política conceitos e abordagens*. Salvador/ São Paulo: Edufba/ Editora Unesp 2004.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 2006.

SCHECHNER, Richard. 2006. “O que é performance?”, em *Performance studies: na introduccion, second edition*. Nova York & Londres: Routledge, p. 28-51 . Tradução de r.l. Almeida, publicada sob licença creative commons,2011.

SCHMITZ, Aldo.A. *Fontes de notícia: ações e estratégicas das fontes no jornalismo*. Florianópolis, Combook, 2011.

SEVERIANO, Mylton. *Crime da Imprensa*. S.l, Editora 247 S.A, 2011.

VIZEU, Alfredo. *Telejornalismo, audiência e ética*. BOCC, S.ed, 2002.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação- Mass Media: contextos e paradigma, novas tendências, efeitos a longo prazo O newsmaking*. Lisboa, Etas S.p.A, Ed.4, 1994.

WAHL-JORGENSEN, K. *The stategic ritual of emotionality: a case study of Pulitzer Prize-winning articles*. Journalism. Sage, n. 14, vol. 1, 2013.